



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?

“QUER PAGAR QUANTO?”: A MERCANTILIZAÇÃO DO FEMININO EM *BOAS MENINAS NÃO FAZEM PERGUNTAS*

Taynara Ramos Batista Aires

UEG - POSLLI

tayramos123@gmail.com

Viviane Faria Lopes

UEG - POSLLI

viviane.lopes@ueg.br

GT 3: Pesquisas e Mulheres Pesquisadoras: A Emancipação Pessoal e Profissional.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se situa na relação entre Literatura e realidade, a partir da fonte de análise *Boas meninas não fazem perguntas*, de Lucas Mota (2018). Através desta obra, a temática que perpassa é uma distopia de crítica feminista, onde a “mercantilização do corpo feminino” é a temática central. Historicamente, o corpo feminino foi analisado como propriedade e objeto, ou seja, uma mercadoria do capital na época moderna (Davis, 2016), demonstrando o aspecto patriarcal da história. Como a literatura é um reflexo da realidade e está conectada com o espaço-tempo, o enredo passa na cidade intitulada “Metrópole”, onde a personagem Marina é a protagonista, sendo vendida como “produto” em um mercado. “O pai a deixou na loja. Marina se tornou um produto” (Mota, 2018, p. 9). A partir desse fragmento, o autor demonstra uma cidade na qual o comércio de mulheres é legalizado, apresentando um cenário distópico.

O romance *Boas meninas não fazem perguntas* publicado em 2018 pelo autor brasileiro Lucas Mota, insere-se no campo da literatura contemporânea engajada, articulando-se com debates urgentes sobre a violência de gênero, o silenciamento e a venda de corpos femininos e a perpetuação de estruturas patriarcais da sociedade brasileira. A narrativa, ainda que possa ser lida com elementos típicos da distopia, revela-se mais propriamente como um

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



retrato hiper-realista e crítico das opressões enfrentadas por meninas e mulheres, principalmente no contexto da misoginia institucionalizada.

A história se ambienta em uma sociedade autoritária onde meninas são treinadas desde cedo a obedecer, calar e temer. A estrutura narrativa acompanha a trajetória de Marina, uma mulher inserida em um sistema educacional e social chamado de academia, que reforça constantemente o processo de domesticação do feminino. A protagonista, ao questionar as regras e vivenciar experiências traumáticas, confronta esse sistema. Nesse sentido, o romance opera como denúncia da forma como o corpo feminino é controlado, disciplinado e violado, sendo transformado em objeto de consumo, prazer e punição.

UMA INTERSECÇÃO DA EXPERIÊNCIA FEMININA ENTRELAÇANDO GÊNERO E HISTÓRIA

O objetivo deste capítulo é, por intermédio da historiografia, apresentar as representações do feminino em paradigmas elementares sociais, desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea. Sendo os papéis de gênero um construto que, reiteradamente, esteve vinculado aos discursos religiosos, políticos e culturais, constata-se que foram determinantes na modulação edificadora do perfil da mulher em diferentes contextos socioculturais. A partir dessa compreensão sócio-histórica, a averiguação feita resultou na seguinte apresentação perquiritiva: i) a representação da deusa Asherah e, por conseguinte, na Antiguidade Clássica, Grécia e Roma; ii) a mulher na Idade Média, sua dualidade entre pureza e pecado; iii) o feminino na Idade Moderna, entre os séculos XV e XIX, onde surgem os primeiros movimentos sociais em prol dos direitos das mulheres; iv) o ser feminino na Idade Contemporânea, séculos XX e XXI, onde o movimento feminista se consolidou e conquistas como sufrágio universal e leis contra a discriminação no trabalho foram a virada para a posição das mulheres na sociedade.

Este capítulo, portanto, busca apontar que a história das mulheres, através dos tempos, revela uma trajetória de constante resistência, além do enfrentamento incessante à subjugação. De modo a necessitar lutar por sua autonomia, mediante a própria transformação social,

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



importa que o passado seja exposto para uma adequada compreensão das heranças ideológicas sustentadas e, assim, a conscientização do e sobre o feminino.

APROPRIAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO CORPO FEMININO COMO PRODUTO

Este capítulo, que é o segundo do trabalho de pesquisa, apresenta um apanhado teórico em que se colocam fontes que confluem com o referencial teórico a respeito da apropriação do corpo feminino enquanto produto. De modo a indicar a literatura enquanto representação da realidade, verifica-se sua influência e representação da realidade, seu aspecto intercultural, tomando romances e personagens como comprovação da importância artística na representação do feminismo, bem como suas interseccionalidades.

Os subtópicos deste capítulo buscam contribuir para a organização da fundamentação teórica, que virá a servir de arcabouço teórico para as análises críticas que sustentarão o capítulo analítico – a saber, o quarto – especialmente quanto à discussão de gênero, raça, opressão e resistência. O primeiro, a saber, Literatura e distopia, aborda como o corpo é representado na literatura e como pode ser lido enquanto espaço de significação política, social e cultural. No subtópico seguinte, Literatura e personagem, é explanado como um elemento textual, que reflete e constrói identidades, pode ser o construto de representações de sujeitos sociais historicamente situados, carregando ideologias, conflitos e discursos. Já em Literatura e realidade, que vem a ser o terceiro, faz-se uma investigação da relação entre mundo ficcional e factual, de modo a avaliar a literatura enquanto forma simbólica de representação da realidade. No último subtópico, Literatura, cultura e ideologia: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, aponta-se como a literatura comporta-se de forma imersiva nas ideologias e nas culturas que a produzem, de modo a tanto reproduzir quanto a questionar valores dominantes, e, por essa razão, faz-se, ainda, uma discussão sobre os valores hegemônicos que nortearam as concepções de gênero, raça e classe, o que resultou em marginalização de corpos, vozes e experiências femininas.

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta apuração é a hermenêutica, que destaca que uma investigação será um exame que se dispõe a responder aos questionamentos mediante a

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



observação e a experiência, tomando as teorias e métodos científicos por suporte. Dessa feita, a proposta analítica é a de um estudo apurado do romance distópico *Boas meninas não fazem perguntas* (2018), de Lucas Mota, que se trata de uma produção literária contemporânea nacional e cuja trama abarca a venda de mulheres, como mercadorias socialmente instituídas. Por essa razão, o quadro teórico-metodológico da presente pesquisa é pautado no feminismo, na qual a interseccionalidade é o eixo condutor para compreensão da complexidade dessas experiências com a relação de poder.

Ademais, por se tratar de uma investigação com base hermenêutica, além da apresentação sócio-histórica da representação da mulher através dos tempos, houve a seleção de notícias e reportagens que corroboram para o modo que o feminino é mostrado na atualidade. Por essa razão, também se fez o alicerce conceitual de categorias, que virão a permear a discussão, tais como: opressão, controle social e disciplina, construção social dos corpos femininos, poder, interseccionalidade e mercantilização. Dessa feita, formar-se-á um caleidoscópio teórico-metodológico para analisar a fonte – no caso, a narrativa literária distópica –, com o intuito de examinar enquanto produção em várias interfaces, desde o ficcional até o realismo social.

“QUER PAGAR QUANTO?”

Neste capítulo planeja-se analisar como o romance *Boas meninas não fazem perguntas* (2018), do autor brasileiro Lucas Mota, vem a expor, enquanto narrativa, um contexto que, na verdade, faz-se enquanto realidade. A dissertação busca partir da premissa de que o romance, embora construído sob a perspectiva da estética distópica, representa, de fato, uma forma de realismo crítico, tendo em vista que se volta à revelação – de maneira ampliada, porém, não fantasiosa – das violências estruturais que mulheres enfrentam no cotidiano tangível. Além do romance citado, será trazida para apreciação a entrevista feita com o autor, além das notícias atuais que ressaltam a proposta perquiritiva desta pesquisa.

Dentre as vertentes examinativas, assinala-se, em destaque, a venda e objetificação da mulher, que são as práticas sistemáticas centrais descritas no romance e sobre as quais se faz a trama, em que meninas, desde a tenra idade, são treinadas para agradar, obedecer e servir aos



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?

interesses masculinos. Tomando-se por premissa que tal dinâmica de submissão não seja uma ficção futurista, mas, antes, uma representação simbólica de atividades factuais de exploração sexual, trabalho reprodutivo e controle moral dos corpos femininos, importa que a obra ficcional seja escrutinada com um olhar mais social e menos quimérico. Dessa feita, o cenário opressivo do livro, em que o silêncio e a obediência são impostos como virtudes femininas, será analisado enquanto alegoria representativa que denuncia mecanismos de uma sociedade patriarcal, racista e capitalista que perdura por milênios e, contemporaneamente, não difere substancialmente da obra de Lucas Mota.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.

BENTIVOGLIO, Julio. **História & Distopia**: a imaginação histórica no alvorecer do século 21. 2. ed. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

CANDIDO. Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum**. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/40460294/O_Martelo_das_Feiticieras_Malleus_Maleficarum_ Acesso em: 18 de abr. 2025.

MOTA, Lucas. **Boas meninas não fazem perguntas**. Curitiba: Edição do Autor, 2018.

SPAREMBERGER, C. O Feminismo radical em questão: uma sistematização das perspectivas do feminismo radical da segunda onda do movimento feminista estadunidense (1968 – 1975). **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2024. DOI: 10.9771/rf.12.2.50751. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/50751>. Acesso em: 27 jun. 2025.